

“Enlatamento e dilatação” do corpo na história sob a ótica da transdisciplinaridade

*“Canning and dilation” of the body in
history from the perspective of
transdisciplinarity*

Adriana Martins Ianino, Larissa Petrusk Santos Silva

Resumo

O presente artigo traz a trajetória da concepção do corpo ao longo dos períodos históricos; metaforizando-o com a transformação sofrida pelo personagem “Homem de Lata” e relacionando-o aos conceitos de homo sapiens, homo demens e homo complexus. Buscou-se refletir a partir de qual momento o homem passou a lançar mão de uma armadura, sentindo-se não mais como parte integrante da natureza, mas sim como dono dela. E em qual momento se deu conta de seu engano. Remetendo-se, desta forma, ao homem como um ser complexo e não apenas racional. Esta análise nos leva a refletir sobre a emergência de uma mudança de paradigma na sociedade, a partir da perspectiva transdisciplinar, que harmonize o caminho da vida com o caminho do conhecimento, sintonizando mente e essência do homem.

Palavras-chave

História, Corpo, Disciplinaridade, Transdisciplinaridade.

Abstract

The present article brings the trajectory of the conception of the body along the historical periods; metaphorizing it with the transformation suffered by the character “Tin Man” and relating it, to the concepts of homo sapiens, homo demens and homo complexus. We tried to reflect from which moment man began to take hold of an armor, feeling no longer as an integral part of nature, but as its owner. And when he realized his mistake. In this way, we refer to man as a complex being, and not only a rational one. This analysis leads us to reflect on the emergence of a change of paradigm in society, from a transdisciplinary perspective, which harmonizes the path of life with the path of knowledge, mind and essence of man.

Keywords

History, Body, Disciplinarity, Transdisciplinarity.

Adriana Martins

Ianino

Universidade Católica de Pernambuco

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestre em Educação pela Universidade de Pernambuco/Campus Mata Norte (2018). Fonoaudióloga (UNICAP-2002) e Pedagoga (UFPE-2012). Participante do Grupo de Pesquisa no Brasil Lattes: Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade.

adrianaianino@hotmail.com

Larissa Petrusk

Santos Silva

Universidade Católica de Pernambuco

Professora do curso de Letras da Universidade Católica de Pernambuco. Possui Graduação em Letras e Mestrado em Ciências da Linguagem. Desde 2011 atua na Educação a Distância (EaD), associada da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED). Atualmente, compõe a Equipe Multidisciplinar do Núcleo de Educação a Distância da UNICAP Digital como Assessora Pedagógica. Professora vinculada à UJC (Educação de Jovens e Adultos) da Gerência Regional de Educação – SEE.

larissapetrusk@hotmail.com

Introdução

A evolução conceptiva da história do corpo emerge a reflexão sob diferentes pontos de vista como: antropológicos, sociológicos, filosóficos e, inclusive, psicanalíticos.

O presente artigo retrata a trajetória da concepção do corpo ao longo dos períodos históricos; metaforizando-o com a transformação sofrida pelo personagem “Homem de Lata”¹ e relacionando-a aos conceitos de *homo sapiens*, *homo demens* e *homo complexus*.

Trata-se de um *recorte* da dissertação de Mestrado de Ianino (2017), que trouxe como temática: “A concepção de consciência corporal nas práticas de professoras de Educação Infantil, sob o olhar da teoria da transdisciplinaridade”.

Em sua pesquisa, Ianino (2017), reflete sobre as armaduras das quais nos revestimos para nos proteger do que nos fere, assim como no conto do “Homem de Lata”. Conforme Ianino (2017), a transdisciplinaridade, nos abre um leque de diferentes percepções, e traz para seus estudos a compreensão sobre consciência corporal, diferentemente do entendimento de *senso comum*, não está ligada unicamente à percepção do corpo físico, mas do (re) conhecimento de si no mundo. E esta percepção muda, à medida que compreendemos que somos seres diferentes e singulares.

Neste contexto, a relevância deste artigo se reflete em reportar uma pesquisa na qual, é possível vislumbrar uma nova perspectiva para o ensinar, fundamentalmente, nas práticas pedagógicas de professores de Educação Infantil. Para alcançar este objetivo, Ianino (2017) lançou mão de uma abordagem qualitativa, com metodologia baseada na pesquisa-ação, permitindo, desta forma, favorecer a investigação de várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrínsecas relações sociais estabelecidas em diversos ambientes, buscando obter um impacto educacional, social e cultural.

Como bases teóricas, Ianino (2017) buscou, através da passagem do homem em seus momentos históricos - *homo sapiens*, *homo demens* e *homo complexus* -, refletir sobre quando este passou a lançar mão de uma armadura, sentindo-se não mais como parte integrante da natureza, mas sim dono dela. E nosso debruçamento neste artigo, é sobre qual momento o homem se deu conta deste engano; quando deixou sua complexidade de lado, e tornou-se um ser mais racional.

(...) o ser humano não só vive de racionalidade e de técnica; ele se desgasta, se entrega, se dedica a danças, transes, mitos, magias, ritos; crê nas virtudes do sacrifício, viveu frequentemente para preparar sua outra vida além da morte. Por toda parte, uma atividade técnica, prática intelectual testemunha a inteligência empírico-racional: em toda parte, festas, cerimônias, cultos com suas possessões, exaltações, desperdícios, “consumismos”, testemunham o *Homo ludens*, *poeticus*, *consumans*, *imaginarius*, *demens* (MORIN, 2001, p. 59).

No conto “O Homem de Lata”, conhecemos a história de um homem de origem modesta, feliz, sonhador, apaixonado pela sua noiva e, enfim, um homem de carne e osso. Devido ao feitiço de uma bruxa, o homem passa a sofrer vários ferimentos com seu machado. E, à medida em que era amputado um de seus membros, ele solicitava a um ferreiro que os substitui-se por um membro de lata, até ter todo o seu corpo tomado por metal.

Os ferimentos que sofreu com o machado, o levaram a se armar contra a vida. E essa armadura inicialmente lhe deu a sensação de poder. Sendo importante observar que em momento algum o Homem de Lata solta o seu

1

O “Homem de Lata” trata-se de um personagem fictício criado pelo escritor americano L. Frank Baum. Este personagem apareceu pela primeira no clássico livro de 1900, *O Mágico de Oz*.

2

Alguns dos principais filósofos da idade antiga, como Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C.), traziam suas reflexões sobre o corpo. Sócrates possuía uma visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo de interação do homem com o mundo. Platão possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. E as ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que, as ações humanas eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização (Cassimiro; Galdino, 2012).

machado, mesmo tendo sido esse o motivo de seus ferimentos. Somente após tanto se esconder por trás de sua armadura de lata, ao ponto de perder seu coração e experimentar uma profunda solidão, é que o Homem de Lata, finalmente, percebeu que estava infeliz vivendo daquele modo. O Homem de lata teve a “sorte” de se perceber. No entanto, muitos passam a vida inteira sem esta tomada de consciência. Entendemos que é a partir deste entendimento que se dá o começo da mudança, de deslocamento da concepção de si.

Estamos, a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais... Somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos. Nosso pensamento, nossa consciência, que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distanciam ainda mais. [...] Nós domamos a natureza vegetal e animal, pensamos ser senhores e donos da Terra, os conquistadores, mesmo, do cosmo. Mas – como começamos a tomar consciência – dependemos de modo vital da biosfera terrestre e devemos reconhecer nossa muito física e muito biológica identidade terrena (MORIN, 2014, p. 38).

Então, através desta análise metafórica, trazemos neste artigo, o conceito de Homo Sapiens, supondo este ser o “Homem de carne e osso”, antes de sua transformação completa em “Homem de Lata”.

A transformação do homem de lata: Homo Sapiens, Homo Demens e Homo Complexus

De todas as espécies da Idade da Pedra, o homo sapiens foi o único que não se extinguiu. Antropologicamente o homo sapiens recebeu essa denominação por passar a ser visto como um ser pensante e capaz de se adaptar às condições externas de seu meio.

Neste contexto, recorreremos ao pensamento de Ribeiro (2000), ao afirmar que as propostas de classificação do ser humano não se baseiam mais exclusivamente nas diferenças biológicas e/ou genéticas, mas fundamentalmente nas qualidades de consciência.

O que diferenciou o homem de outras espécies foi sua capacidade de autorreflexão e autoconhecimento; que varia a percepção que tem de si mesmo, de acordo com sua consciência e atitude (RIBEIRO, 2000). “A hominização conduz a novo início. O homínídeo humaniza-se. Doravante, o conceito de homem tem duplo princípio; um princípio biofísico e um psicocultural, um remetendo ao outro” (MORIN, 2001, p. 51).

Historicamente, o homem primitivo talvez seja único e original, no que tange ao modo de viver em um ambiente e se percebe como parte dele. Os desenhos rupestres, objetos de pesquisa em sítios arqueológicos espalhados pelo mundo, oferecem muitas informações acerca da relação próxima do homem com o ambiente (COSTA, 2011).

Estes desenhos mostram a representação de corpo do homem primitivo, deles emergem a sua relação mítica com o mundo circundante²; cheia de medos, de sensações de impotência diante dos mistérios e da agressividade dos eventos naturais que colocavam sua vida em risco. As posturas e posições corporais, expressadas nos desenhos, dão informações de como os homens primitivos concebiam o corpo. A percepção de si mesmos se sustentava na forma como explicavam um mundo ameaçador, pelo temor que sentiam diante do perigo (COSTA, 2011).

É possível observar que o corpo do homem primitivo estava em sintonia com o ambiente. Ele agia de acordo com a satisfação de suas necessidades e na resolução imediata dos problemas do cotidiano. E num tempo em que não existiam tantos instrumentos, o corpo, em si, era o instrumento de mediação do homem com o mundo (COSTA, 2011).

Não é o homem, na sua forma física atual, que de repente se liberta da natureza e, com sua inteligência, cria a linguagem, a sociedade, a cultura, a técnica. Ao contrário, são a natureza, a sociedade, a cultura, a inteligência, a linguagem e a técnica que gradativamente criam o homem ao longo de um processo de milhares de anos de seleção de evolução natural-cultural. A cultura é parte do processo da evolução biológica do homem e vice-versa; ao longo da evolução, ela criou o cérebro que a cria. Homem e Natureza se pertencem, como penosamente estamos descobrindo com os avanços da consciência ecológica (CARVALHO *et al.*, 2012, p. 47).

Saltamos agora da pré-história para a Idade Antiga e nos encontraremos com a concepção de Homo Demens. Comparando com o conto do Homem de Lata, podemos supor que este é o momento em que *o homem inicia o processo de ferimentos de seu corpo e passa a enlutar-se.*

Sobre este desequilíbrio, em relação à harmonia primitiva no paraíso, Comenius em sua obra *Didática Magna* (1621-1657) diz:

Mas que desventura foi a nossa! Estávamos no paraíso das delícias corporais, e perdemo-lo; e, ao mesmo tempo, perdemos o paraíso das delícias espirituais, que éramos nós mesmos. Fomos expulsos para as solidões da terra, e tornamo-nos nós próprios uma solidão e um autêntico deserto escuro e esqualido. Com efeito, fomos ingratos para com aqueles bens, dos quais, no paraíso, Deus nos havia cumulado com abundância relativamente à alma e ao corpo; merecidamente, portanto, fomos despojados de uns e de outros, e a nossa alma e o nosso corpo tornaram-se o alvo das desgraças (COMENIUS, 2001, p. 57).

Segundo o conceito de Morin (2000), o gênero homem e da espécie *sapiens*, é um ser subjetivo, cujas relações com o mundo objetivo são sempre incertas; que está sujeito ao erro e produz desordem. Dessa forma, é um ser que carrega em si um lado de loucura, ilusão, confusão, o qual representa seu lado *demens*.

Cada qual contém em si galáxias de sonhos e de fantasmas, impulsos de desejos e amores insatisfeitos, abismos de desgraças, imensidões de indiferença gélida, queimações de astro em fogo, acessos de ódio, desregramentos, lampejos de lucidez, tormentas dementes... (MORIN, 2001, p. 58).

Costa (2011) cita que o pensamento da Idade Antiga se caracteriza pela importância dada ao espírito inquieto, que busca descobrir e interpretar o mundo circundante.

Ninis e Bilibio (2012), pressupõem que a pressão entre a razão e a insânia gera um ser ambíguo, dotado de consciência e razão, mas ao mesmo tempo portador também de medo e loucura. Durante milênios o ser humano constrói uma sociedade moral e bruta. “Neste ponto, a vida do Homem de Lata viu-se afetada pela violência. Como resultado de uma série de violentas agressões, seu corpo foi quase que inteiramente reconstruído com lata. O trauma provavelmente foi exacerbado (...)” (JAMES, 2008, p. 123).

Partindo desta reflexão, pode-se compreender que o corpo neste período passou a ser encarado de acordo com as necessidades do homem, servindo de instrumento à satisfação de suas necessidades e vaidades.

Neste contexto, Barbosa *et al.* (2011), afirma que o corpo começou a ser visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. O corpo era valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade. Na antiguidade, o físico e o intelecto faziam parte de uma busca para a perfeição, sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante.

Barbosa *et al.* (2011) ressalta ainda que esta concepção não se tratava apenas de narcisismo ou de paixão desmedida por si mesmo. Os corpos não existiam apenas para mostrar-se, eles eram também instrumentos de combate. Tudo na natureza era luta, ou obstáculo a ser transposto; era espaço ou terra a conquistar.

Chegamos, então, à Idade Média, onde o corpo mais uma vez serviu de consolidação da ação das relações sociais. A característica essencialmente agrária da sociedade feudal justificava o poder da presença corporal sobre a vida quotidiana. O homem medieval era extremamente contido e a presença da instituição religiosa restringia qualquer manifestação mais criativa (BARBOSA *et al.*, 2011).

O cristianismo dominou durante a Idade Média, influenciando as noções e vivências de corpo da época. A união da Igreja e Monarquia trouxe maior rigidez dos valores morais e uma nova percepção de corpo; começando-se a delinear claramente a concepção de separação de corpo e alma, prevalecendo a força da alma sobre o corpo (ROSÁRIO, 2006).

E como cita Barbosa *et al.* (2011), o corpo, ao estar relacionado com o terreno, o material, seria a prisão da alma. Torna-se culpado, perverso, necessitado de ser dominado e purificado através da punição.

Ainda no *processo de enlatamento*, o homem *demens* adentra a era da Modernidade. Neste período as ações humanas passaram a ser guiadas pelo método científico e começa a haver uma maior preocupação com a liberdade do ser humano e a concepção de corpo é consequência disso. O avanço científico produziu uma supervalorização sobre o uso da razão científica como única forma de conhecimento (PELEGRINI, 2006).

O corpo, agora sob o olhar da ciência, serviu de objeto de estudos e experiências. O corpo investigado, descrito e analisado como corpo anatômico e biomecânico. A disciplina e controle corporais eram preceitos básicos desta época e a obtenção do corpo sadio dominava o indivíduo. Ou seja, a prática física domava à vontade, contribuindo para tornar o praticante subserviente ao Estado (PELEGRINI, 2006).

A cultura do mundo ocidental tem associado o funcionamento do corpo às máquinas. No pensamento pós-Revolução Industrial essa ideia se intensificou e, mais recentemente, surgiram as analogias da inteligência artificial com o funcionamento do cérebro e suas infinitas redes e possibilidades de conexões (SCHÜLER, 2008, p. 226).

Segundo Costa (2007), o dualismo corpo-alma norteava a concepção corporal do período; e a partir de Descartes essa divisão foi realmente instituída e o físico passou a estar ao serviço da razão. Os ideais iluministas do século XVIII acabaram por acentuar a restrição do corpo, dissociando-o da alma, retomando a dicotomia corpo-alma, já delimitada na antiguidade clássica.

Dessa forma, o pensamento iluminista negou a vivência sensorial e corporal, atribuindo ao corpo um plano inferior. E estas necessidades de manipulação e domínio do corpo convergiram para a delimitação do homem

como ser moldável e passível de ser explorado (COSTA, 2007). “Então o homem enlatou-se” (IANINO, 2019, p. 249).

Com o início da revolução industrial e da constituição da lógica capitalista, o trabalho em série acabou por reduzir a ação do homem a uma ação exclusivamente fisiológica, desprovida de criatividade; passando a ser percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital. Deste modo, os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder: o poder disciplinar (COSTA, 2007).

Por estar escondido sob sua armadura, o homem chega, portanto, ao século XIX, com uma sociedade anônima, formada por pessoas que não se reconhecem entre si. A padronização da sociedade, aportada pela necessidade de consumo criada pelas novas tecnologias e homogeneizada pela lógica da produção, foi responsável por uma diminuição significativa na quantidade e na qualidade das vivências corporais do homem contemporâneo (COSTA, 2007).

E nesta lógica mercantil e reprodutivista, cada vez mais pessoas investem no seu corpo, com o intuito de obter dele prazer e de lhe aumentar o poder de consumo e estimulação social. Sobre isto, Costa (2007) afirma que esta lógica atua de forma semelhante nas nossas carências mais profundas, como o medo da morte ou da velhice; que poderão ser aparentemente, combatidos ou amenizados com produtos e técnicas estéticas.

Este momento remete-se à sensação de poder que o “Homem de Lata” passa a sentir; crendo que aquela armadura, que passa a investir cada vez mais irá lhe trazer destaque e ao mesmo tempo proteção.

No presente contexto, Novaes (2006) afirma que os cuidados físicos se revelam como uma forma de estar preparado para enfrentar os julgamentos e expectativas sociais. Ou seja, disciplinamos o corpo para que consigamos o reconhecimento e aprovação social, estando o prazer associado ao esforço, ao sucesso e à determinação. E proporcionalmente, a intensidade do esforço será remetida à angústia provocada pelo olhar do outro.

E como refere Rosário (2006), o ser humano veio se constituindo numa duplicidade, onde só consegue se perceber em posições antônimas e inflexíveis, categorizando dessa forma: corpo e alma, razão e emoção, feminino e masculino, construindo o sentido dos seus corpos numa lógica de produção, economia, mercado, consumo, que têm regido a sociedade ocidental.

No entanto, contemporaneamente, esta perspectiva vem se modificando e o objetivo atualmente é a busca pela autonomia nos mais variados campos e diferentes graus – estético, social, político (ROSÁRIO, 2006).

Desta forma, percebe-se que a sociedade está procurando deixar de ser regida por padrões impostos, assumindo cada vez mais nossas escolhas e identidades. E chegamos então à concepção de homem proposta por Edgar Morin (2001): o *homo complexus*.

Para Morin (2002), o homem deve ser concebido a partir do reconhecimento das diferentes dimensões constitutivas do ser humano, implicando assim numa compreensão sobre a integralidade. Diferentes dimensões conjugam no mesmo homem.

Morin (2002) compreende que o homem, *homo complexus*, tem as bipolaridades antagônicas, mas estas são complementares: “assim, se há realmente *homo sapiens*, *economicus*, *prosaicus*, há também, e é o mesmo, o homem do delírio, do jogo, da despesa, da estética, do imaginário, da poesia” (MORIN, 2002, p. 141).

Tucherman (2004), menciona que parece ter havido uma mudança radical de referência, passando de uma identidade estável, totalizável e constante proposta do homem moderno, para uma nova relação conosco mesmos, com o mundo e com os outros; que se manifesta numa identidade frágil, instável, descentrada, mutante, processual e inconstante.

O contexto social e histórico instável e em constante mudança, associado ao enfraquecimento dos principais meios de construção da identidade, como a família, a religião, a política, o trabalho, parece levar os indivíduos a apropriarem-se cada vez mais do corpo como meio de expressão do eu. E toda esta experiência do corpo parece estar a ser posta em questão; a definição de espaço e de tempo, a distinção entre o real e o imaginário. Todas estas fronteiras estão a ser questionadas pelas novas tecnologias, especialmente, através da realidade virtual (COSTA, 2007).

Como refere Tucherman (2004, p. 94):

Este corpo está a desaparecer, por motivos que se relacionam com a crise do sujeito moderno, perplexo diante das simulações e dos duplos que põem em questão a sua principal noção de realidade, tradicionalmente associada à presença tangível e ao suporte material.

Considerando-nos, então, como seres não definitivos e inacabados, começamos a delinear uma concepção de corpo que pode ser apenas uma releitura sobre o corpo de outrora, mas pode ser também uma nova construção do presente (ROSÁRIO, 2006).

A descoberta do homem de lata: disciplinaridade e transdisciplinaridade

Deste ponto em diante, serão apresentadas teorias da disciplinaridade e da transdisciplinaridade, sendo mantida a metáfora de pano de fundo deste artigo; comparando a disciplinaridade ao homem que se transformou em um *Homem de lata*; e a descoberta deste homem de que é impossível viver às margens, de forma exclusivamente racional; que sente, então, a necessidade de retornar à sua essência natural, através de uma compreensão transdisciplinar, que nos traz a concepção de um “*Homem que dilata*” (IANINO, 2019, p. 253).

Compreendemos que a abordagem transdisciplinar desarticula a ideia de fragmentação e racionalização do saber, não sendo estas, as únicas formas de criação e difusão do conhecimento ou dos conhecimentos científicos.

A lógica disciplinar – O enlatamento do corpo

As relações do poder disciplinar se estabelecem em toda sociedade até o século XVIII. O poder passou a ter uma importância disciplinar, sobretudo, nas instituições como: prisões, hospitais, escolas, quartéis, em várias esferas da sociedade (FOUCAULT, 1987).

Foucault (1987) relata que o surgimento de uma sociedade disciplinar e de controle, fabrica indivíduos. Sobretudo por ser “uma técnica que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício” (FOUCAULT, 1987, p. 143). Para Foucault (1987), o sucesso do poder disciplinar se deve ao uso de instrumentos como: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e a combinação destes em um procedimento que lhe é específico: o exame (testagem).

Conforme Aguiar (2015), historicamente, a relação de poder sofreu adaptações onde o controle social passou a ser feito através de um regime

de ordens impostas dando origem a uma sociedade disciplinar e de controle. Desta forma, as instituições passaram a ter uma função disciplinar, sendo regidas por leis autoritárias. Mais do que vigiar, era preciso construir um sistema de poder capaz de moldar o indivíduo, transformando em um indivíduo dócil, útil e disciplinado (AGUIAR, 2015).

(...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento das suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil (FOUCAULT, 1987, p. 127).

Neste contexto, os aparelhos políticos ou econômicos passam a transmitir as "verdades" que são construídas; e o Estado cria mecanismo para vigiar e controlar o povo (AGUIAR, 2015).

Desta forma, o processo de disciplinarização passou a ser refletido também no âmbito educacional, tendo início com a primeira e grande diferenciação entre conhecimento filosófico e conhecimento científico, a partir do século XVII, com o gradativo aumento dos trabalhos experimentais e empíricos.

De acordo com Wallerstein (1996, p. 21), o processo de disciplinarização se fundamentou no fato de que:

A criação de disciplinas múltiplas teve por premissa a crença segundo a qual a investigação sistemática exigia uma concentração especializada nos múltiplos e distintos domínios da realidade, um estudo racionalmente retalhado em ramos de conhecimento perfeitamente distintos entre si. Essa divisão racional prometia ser eficaz, ou seja, intelectualmente produtiva.

A disciplinarização surgida na modernidade trouxe a difusão dos produtos da atividade racional, científica, tecnológica e administrativa. É o triunfo da razão em todos os campos da ciência e da vida pessoal e coletiva, caracterizada por uma separação entre o mundo objetivo e o mundo da subjetividade (POURTOIS; DESMET, 1997, p. 33):

A modernidade quis encontrar o simples por trás do complexo [...], mas o real é complexo e o esfacelamento dos saberes marca presença. Portanto, urge forjar instrumentos de pensar próprios para enfrentar essa realidade complexa, utilizando as conquistas do período moderno.

Neste todo, "podemos observar que o corpo passou não somente a ser aprisionado, mas também *esquecido*" (IANINO, 2019, p. 254). Segundo Merleau-Ponty (2011), a tradição cartesiana da idade moderna habituou-nos a desprender-nos do objeto: "o corpo como soma de partes sem interior, e a alma como um ser inteiramente presente a si mesmo, sem distância" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 265).

Em Descartes, o saber que temos sobre o nosso corpo é permanentemente subordinado ao conhecimento por ideias porque, "atrás do homem tal como de fato ele é, encontra-se Deus enquanto autor racional de nossa situação de fato" (MERLEAU-PONTY, 2001, p. 269).

A filosofia cartesiana sugere que a alma do indivíduo tem total independência do corpo; e que seu coração vai se "fabricando" nessa independência absoluta (VIGARELLO, 2016).

A lógica transdisciplinar – o desnudamento do corpo

Embora tenhamos a sensação de que a transdisciplinaridade é um conceito novo, esta é na realidade uma perspectiva presente desde sempre na humanidade; porém que precisava ser *redescoberta*. A disciplinaridade, neste caso, se sobrepujou à transdisciplinaridade.

De acordo com Morin (2014), a noção fragmentada (*enlatada*) do homem não é passível da criação de uma ciência, uma vez que se ignora a complexidade humana. Ou seja, intelectualmente, as disciplinas são plenamente justificáveis, desde que não se ocultem as realidades globais, preservem um campo de visão que reconheça e conceba a existência das ligações e das solidariedades.

Sendo assim, entendemos que a transdisciplinaridade é uma perspectiva científica que se emprega aos mais variados campos de estudo, através de várias conexões que a estas práticas trazem a partir do momento em adentramos à sociedade, como os aspectos: biológicos, sociais, emocionais e culturais.

A transdisciplinaridade tem sido motivo de muitas discussões, sob de vista tanto epistemológicos, quanto metodológicos, desde a pronúncia deste termo utilizado por Piaget no I Seminário Internacional sobre a Pluridisciplinaridade e a Interdisciplinaridade na França, em 1970 (Santos *et al.*, 2009).

Segundo Suanno (2014), a transdisciplinaridade difere da disciplinaridade, da pluridisciplinaridade, da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. A pluridisciplinaridade é compreendida como “justaposição de disciplinas vizinhas nos domínios do conhecimento”; e a multidisciplinaridade a “justaposição de disciplinas diversas desprovidas de relações aparentes entre elas” (Suanno, 2014, p. 100).

No caso da interdisciplinaridade, há uma demanda de interação entre duas ou mais disciplinas, na busca da superação da fragmentação do conhecimento. Diferentemente da interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, pautada na complexidade, procura religar saberes, transcendendo as fronteiras do conhecimento disciplinar (Suanno, 2014)

E finalmente, se diferencia da disciplinaridade porque esta se preocupa com a exploração científica especializada de um determinado campo de estudo, que consiste em fazer surgir novos conhecimentos que substituem os antigos.

A transdisciplinaridade, como o prefixo *trans* indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, por meio das diferentes disciplinas e mais além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Nicolescu, 2014, p. 53).

Segundo Ferreira (2007), o discurso positivista esteve ancorado em duas pilstras centrais: a racionalização do conhecimento e a fragmentação e proliferação do conhecimento.

Conforme Nicolescu (1999), o crescimento contemporâneo dos saberes não tem precedentes na história humana. Exploramos do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, no entanto, Nicolescu (1999, p. 1) questiona: “como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos?”.

Como assinala Nicolescu (1999), o conceito de conhecimento fundamentado exclusivamente na lógica matemática não consegue contemplar as multidimensões e as multirreferências.

Segundo Trindade (2007), Augusto Comte (1798-1857) foi o teórico de maior expressividade no que diz respeito aos princípios e pressupostos os quais levaram os séculos XVIII e XIX à condição de espaço e tempo nos quais a ideia de razão superior e abstrata passou a ser entendida como a verdade legítima. Comte é considerado o pai do Positivismo, corrente que surgiu como desenvolvimento sociológico do Iluminismo, das crises social e moral do fim da Idade Média e do nascimento da sociedade industrial; e se opunha radicalmente à teologia e à metafísica, defendendo a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de conhecimento verdadeiro.

Prosseguindo com este raciocínio, vemos que na lógica matemática (Iluminista), existe a necessidade de um consenso inicial para a construção ou aceitação de uma teoria, que serão demonstradas e/ou provadas através de um axioma. Segundo Nicolescu (1999, p. 9) este axioma é ilustrado da seguinte forma:

- 1 - Axioma da identidade: $A=A$;
- 2 - Axioma da não contradição: A não é não - A .
- 3 - Axioma do terceiro excluído: não existe um terceiro termo T que seja ao mesmo tempo A e não- A .

Conforme Ferreira (2007) é justamente essa racionalização exacerbada do saber, um dos grandes equívocos do paradigma moderno. Desencadeando, então, a necessidade, “do surgimento de um paradigma que superasse este processo de atomização” (Santos, 2009, p. 15) e atendesse as necessidades do homem contemporâneo: *o paradigma emergente*.

Para o paradigma emergente não existe “o conhecimento”, “a ciência” ou “a verdade”, mas sim, *os conhecimentos, as ciências e as verdades*. Este é o paradigma da complexidade e/ou da transdisciplinar (Ferreira, 2007).

Santos (2009), explica que a teoria da transdisciplinaridade está associada à teoria da complexidade. Ambas as teorias surgiram em decorrência do avanço científico e contrapõem-se aos princípios cartesianos de fragmentação do conhecimento. Encontram-se ainda em processo de construção, porém já se observam muitos educadores bebendo de suas fontes, assim como, muitos pesquisadores universitários recorrendo aos seus conceitos para embasar seus pressupostos teóricos.

Conforme a epistemologia da complexidade, “o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo, como o conhecimento do todo depende do conhecimento das partes” (Morin, 2003, p. 88). É também chamada teoria da complexidade por tratar-se do comportamento emergente de muitos sistemas, da complexidade das redes, da teoria do caos, do comportamento dos sistemas distanciados do equilíbrio termodinâmico e das suas faculdades de auto-organização (Santos, 2009).

De acordo com Morin (2011), a complexidade é uma noção utilizada em filosofia, epistemologia, linguística, pedagogia, matemática, física, química, meteorologia, estatística, biologia, sociologia, economia, arquitetura, medicina, ou em ciências da computação e da informação; podendo variar significativamente segundo a área de conhecimento.

Dessa forma, conforme indica Ferreira (2007), compreender a complexidade implica não recusar toda natureza de saber humano, ainda que esta não seja passível de análise matemática exclusivamente.

Assim como afirma Maffesoli (1998, p. 31, 32)

É preciso compreender que o racionalismo, em sua pretensão científica, é particularmente inapto para perceber, ainda mais apreender, o aspecto denso, imagético, simbólico, da experiência vivida. A abstração não entra

em jogo quando o que prevalece é o fervilhar de um novo nascimento. É preciso, imediatamente, mobilizar todas as capacidades que estão em poder do intelecto humano, inclusive as da sensibilidade.

Ferreira (2007) explica que a transdisciplinaridade está ancorada em três pilas: diferentes níveis de realidade, complexidade e lógica do terceiro incluído.

Segundo Paul (2011), a primeira pila, “os diferentes níveis de realidade”, são indissociáveis, ao menos sob essa denominação, da metodologia e da epistemologia transdisciplinares, das quais são um ponto essencial de ancoramento. Os diferentes níveis de realidade devem ser entendidos como diferentes níveis de complexidade, correspondentes a níveis de realidade diferentes, pois a complexificação concerne vários níveis de organização, que introduzem a imprevisibilidade e desordem.

Adentramos então, neste momento, em um dos pontos centrais deste estudo: a compreensão da lógica transdisciplinar.

Em 1931, Kurt Gödel propôs que o quantum (menor quantidade de qualquer grandeza física envolvida numa interação) é composto simultaneamente de ondas e corpúsculos, contradizendo o dogma da lógica clássica. Este matemático demonstrou através de seus teoremas da incompletude⁹ que podem existir vários níveis de realidade e não apenas um, conforme a lógica matemática clássica.

Portanto, ainda conforme Nicolescu (1999, p. 29), a lógica quântica admite o aparecimento de um novo axioma, adotando a seguinte reformulação:

- 1 - Axioma da identidade: $A=A$;
- 2 - Axioma da não contradição: A não é não- A ;
- 3 - *Axioma do terceiro incluído: existe um terceiro termo T , que é ao mesmo tempo A e não- A .*

De acordo com Santos (2009), na lógica quântica, há o “axioma do terceiro incluído”, ou seja, concede o aparecimento de outros elementos, revelando-se um processo sem fim. Não há verdade absoluta, mas verdades relativas e passíveis de mudança (Santos, 2009).

Como já citado anteriormente neste texto e conforme Morin e Moigne (2000), a complexidade se opõe a noção de ordem da concepção clássica determinista e mecânica do mundo. No entanto, é importante deixar claro que “o pensamento complexo, longe de substituir a ideia de desordem por aquela de ordem, visa colocar em dialógica a ordem, a desordem e a organização” (Morin; Le Moigne, 2000, p. 199).

E assim como também já mencionada, e conforme cita Nicolescu (1999), “a lógica do terceiro incluído” refere-se à física quântica, que mostrou a coexistência entre pares de contraditórios mutuamente exclusivos entre o mundo quântico e o mundo macrofísico, entre onda e corpúsculo, entre continuidade e descontinuidade, entre reversibilidade ou invariância do tempo no nível microfísico. Com base nessa constatação, procura-se compreender mais amplamente a realidade, superando o princípio de identidade e contradição pelo de complexidade; demonstrando que, em outro nível de realidade, verdades contrapostas podem se explicar ou conviver.

Conforme Morin (2002), na lógica da complexidade, o ser humano entendido como um ser desejante e inacabado. O processo social - dialético é produtivo e ininterrupto; e a visão de mundo da ciência cartesiana não nos

permite ter um homem integrado visto em sua totalidade, trabalhado com as possibilidades.

A partir dos conceitos acerca da teoria da transdisciplinaridade, é possível perceber a visão do ser humano na perspectiva de si, do outro e seu ambiente. Este é um momento em que o homem começa a fazer as pazes com seu corpo, desnudar-se, reencontrando-se com ele próprio, sem amarras e sem armaduras. Um homem pleno, liberto e consciente de seu pertencimento no mundo.

(...) tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade como um todo, está presente e cada indivíduo, na sua linguagem em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como em cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele (Morin, 2001, p. 37-38).

Considerações Finais

Neste artigo, visualizamos o “Homem de Lata” embarcar numa longa viagem, em busca de seu objetivo e retornar ao seu lar com um novo coração. Nesta caminhada, foram revisitados teóricos que nos ajudaram a compreender a percepção sobre consciência corporal desde o surgimento da humanidade.

Foi possível perceber que a forma de compreensão do corpo está intimamente relacionada à educação corporal, e como forma de controle social. Observamos isto, desde o período da Antiguidade, onde a educação já prezava pelo adestramento do corpo, através dos treinamentos para batalhas e do culto à busca da perfeição. E posteriormente, com o início da revolução industrial e da constituição da lógica capitalista, quando o trabalho em série acabou por reduzir a ação do homem a uma ação exclusivamente fisiológica, desprovida de criatividade; passando a ser percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital. E estas necessidades de manipulação e domínio do corpo convergiram para a delimitação do homem como ser moldável e passível de ser explorado. E ainda hoje, o capitalismo dita as regras sobre toda a sociedade, sendo os padrões exigidos, de beleza e estética, um dos principais alvos alcançados por esse sistema.

Verificamos, também, que o pensamento transdisciplinar veio nos mostrar que precisamos abandonar a ideia de que, como refere Rosário (2006), o ser humano só consegue se perceber em posições antônimas e inflexíveis, categorizando dessa forma: corpo e alma, razão e emoção, feminino e masculino, construindo o sentido dos seus corpos numa lógica de produção, economia, mercado, consumo, que têm regido a sociedade ocidental.

Sobre isto, compreendemos que a escola deve garantir um padrão unitário de qualidade, providenciando padrões de excelência e adequação aos interesses da maioria da população que levem em consideração as dimensões culturais, sociais, e políticas da educação (Rodrigues, 2012). No entanto, percebemos que a escola parece investir mais no adestramento dos alunos do que em aprendizado; e a aprendizagem não se mostra tão significativa e não há espaço para a vivência e a sensibilidade. Dessa forma, as práticas docentes, muitas vezes limitam os movimentos das crianças, que acabam por não desenvolver plenamente sua percepção da realidade, influenciando negativamente na sua interação com outros ambientes, com objetos e com o outro.

A corporeidade implica a inserção de um corpo humano num mundo significativo, em que o corpo não é um simples instrumento das práticas educativas (Marques, 2007). Pois somos corpo. De acordo com Morin (2002), o homem só realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura e a complexidade humana não poderia ser compreendida dissociada dos elementos que a constituem: biológico, cerebral, mental, psíquico, afetivo e intelectual.

É importante compreender que somos o *c.* Nossas percepções experienciais e conscientes do nosso corpo incluem sentimentos, observações e visualizações distintas, e outras representações mentais de nosso corpo e de suas partes, superfícies e interiores (Shusterman, 2012).

Portanto, estando nós, conscientes de nossos corpos, reconhecendo nosso papel no mundo; e a partir da compreensão da transdisciplinaridade, estaremos prontos para harmonizar o caminho da vida com o caminho do conhecimento, sintonizando mente e coração.

Sobre o artigo

Recebido: 10/11/2023

Aceito: 13/12/2023

Referências bibliográficas

AGUIAR, Raquel. Sociedade Contemporânea Disciplinar: o pensamento Filosófico de Michel Foucault - uma abordagem a partir do livro, Vigiar e Punir. **Psicologado**, 2015. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologiasocial/sociedade-contemporanea-disciplinar-o-pensamento-filosofico-de-michelfoucault-uma-abordagem-a-partir-do-livro-vigiar-e-punir>

CARVALHO, Ana.; PEDROSA, Isabel.; ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos**. São Paulo: Cortez, 2012.

CASSIMIRO, Érica.; GALDINO, Francisco. As concepções do corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. **Revista Eletrônica Print**, São João del-Rei/MG, n.14, 2012.

COMTE, Augusto. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COSTA, Marisa. **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

COSTA, Vani. **Corpo e história**. Revista Ecos Edição n.10, v.1, julho, 2011.

FERREIRA, Hugo. **A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar**. 2007. 377f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

IANINO, Adriana Martins. **Consciência corporal e práticas pedagógicas na Educação Infantil sob o olhar da Transdisciplinaridade**. 2017. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Pernambuco, Mata Norte, 2017.

- IANINO, Adriana. O homem de lata x o homem dilata. In: GUILHERME, Willian Douglas (Org.). **Avaliação, políticas e expansão da educação brasileira 11**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- MARQUES, Isabel. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- MORIN, Edgar. **La sfidatellacomplexità. Le défi de lacomplexité**. Milão: Le Lettere, 2011.
- MORIN, Edgar. **O Método**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.
- MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A Inteligência da Complexidade**. São Paulo: Petrópolis, 2000.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Triom: São Paulo, 1999.
- NOVAES, Joana. Ser mulher, ser feia, ser excluída. **Psicologia**, 2006. Disponível em: <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0237.pdf>
- PAUL, Patrick. **Os diferentes níveis de realidade: o paradoxo do nada**. Polar Editorial: São Paulo, 2011.
- PELEGRINI, Thiago. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. **Revista Urutágua**. Maringá, n.8, dez./jan./fev./mar., 2006.
- POURTOIS, Jean-pierre.; DESMET, Huguette. **Educação pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- RIBEIRO, Ana Clara. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 24, n.1., jan./abr, 2000.
- RODRIGUES, Luiz Alberto. **Políticas de gestão escolar: Uma análise do plano de desenvolvimento da escola na região da mata norte de Pernambuco (1999-2007)**. Recife: Ed. ADUPE, 2012.
- ROSÁRIO, Nisa. Mundo contemporâneo: corpo em metamorphose. **Comunica.unisinos**. 2006. Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm
- SANTOS, Akiko.; SANTOS, Ana Cristina; SOMMERMAN Américo. Conceitos e práticas transdisciplinares na educação. In: SANTOS, Akiko; SOMMERMAN, Américo. **Complexidade e transdisciplinaridade: em busca da totalidade perdida**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SCHÜLER, Donald. **Heráclito e seu (Dis)Curso**. Porto Alegre: L&Pm, 2008.
- TRINDADE, Helgio. (org.). **O Positivismo: teoria e prática**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros**. Lisboa: Veja, 2004.
- VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo, séculos XVI – XX**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 1996.